

SOBREVIVÊNCIAS CULTURAIS AÇORIANAS NO RIO GRANDE DO SUL

Véra Lucia Maciel Barroso ¹

O Rio Grande do Sul, situado no extremo do Brasil Meridional é um estado multi-étnico.

Da sua formação social participaram, além dos nativos e africanos escravizados, muitos imigrantes chegados ao solo gaúcho, em especial no século XIX, período da organização da sociedade regional.

Alemães, italianos, poloneses, austríacos, húngaros, belgas, russos, prussos, espanhóis e tantos outros juntaram-se aos portugueses que presentes desde 1500, no Brasil, passaram sobretudo no século XVIII a disputar o espaço hoje chamado de Rio Grande do Sul. Este era território espanhol, pelo Tratado de Tordesilhas.

Foram portugueses continentais, os primeiros a se instalar como proprietários de terras no Rio Grande do Sul, seguindo-se logo os insulares, principalmente depois do Tratado de Madrid, que destinados ao território sul-rio-grandense demarcariam a área como povoadores açorianos.

A partir de 1752, mesmo introduzidos em clima de guerra passaram a plantar trigo, vinculando com sua produção a então Capitania à órbita do mercado externo brasileiro.

A trajetória dos açorianos, demarcada por dificuldades, também na nova terra, não os impediu, entretanto, de deitar suas marcas culturais na sociedade local, em construção.

Na faina diária de sobrevivência e reprodução de suas relações, foram consolidando espaços com suas feições identitárias de origem. Não abandonaram suas raízes; elas foram introjetadas em solo brasileiro, bem ao sul, sua nova pátria, de onde seus descendentes hoje buscam recompor seus laços com os Açores, além mar.

Provas de sua identidade açoriana, mesmo passados 250 anos da chegada, são reveladas pelos dizeres e fazeres que atravessaram o tempo, que diante da longa duração, não deixou apagar suas marcas culturais. Elas estão vivas, ou revivificadas

¹ Historiadora, Socióloga, Doutora em História, Professora da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA), Historiógrafa do Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre, Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS-Brasil.

foram como reconhecimento aos que vieram, deixando suas paradisíacas ilhas, para não voltar a vê-las e nem a contemplá-las. Forjados a sujeitos da História, no outro lado do mar, também se impuseram como agentes da cultura do Rio Grande do Sul. Na sua pluralidade, são visíveis as contribuições culturais que os ilhéus açorianos lhe deram e a plasmaram.

Eis que a intenção aqui é trazer a lume – *250 anos depois* –, as múltiplas e singulares contribuições dos açorianos à cultura da sociedade gaúcha, ou seja do Rio Grande do Sul.

O que terá acontecido no encontro entre as culturas que sustentavam o nascimento da sociedade local (indígenas, africanos, portugueses continentais e os vizinhos espanhóis – “castelhanos”, tão presentes diante da fronteira viva em que viviam) com a chegada dos açorianos?

Aculturação? Assimilação? Transculturação?

Os antropólogos tratam destes conceitos com seus olhares, desejando mostrar sobretudo, que do encontro de culturas diferentes resulta uma nova cultura, fruto de processos muitas vezes distintos.

O que se quer dizer, sim, é que a cultura gaúcha, com a presença açoriana tem na sua constituição elementos que peculiarizam sua identidade. E ela é peculiar por ingredientes introduzidos pelos ilhéus; homens e mulheres que vivendo cercados pelo mar, aqui chegados continuaram a viver ilhados, a partir de então, por terra, de todos os lados. E apesar dos reveses por eles vividos, não perderam suas marcas originárias. Elas são visíveis, aqui no Rio Grande do Sul, através da cultura regional, mesmo que distanciados no tempo e do seu espaço de origem.

Cabe identificar, então, no resultado do processo de fusão das culturas, quais os elementos que foram incorporados e que evidentes, se mostram, como originários dos Açores.

Da solidariedade e transmutação cultural resultante se pode elencar as especificidades das partes.

A seguir, como num caleidoscópio, apresentar-se-á algumas das sobrevivências culturais açorianas na constituição da cultura e história dos “gaúchos brasileiros” do Rio Grande do Sul.

Na língua

Legado vivo, através de expressões e falares, a língua portuguesa falada no Rio Grande do Sul apresenta palavras de contribuição açoriana no seu vocabulário. São exemplos, em mini-dicionário:

Alembrar – lembrar

Alevantar – levantar

Alumiar – iluminar

Amenhã – amanhã

Arreceio – receio

Despois – depois

Escuitar – escutar

Folgo – fôlego

Milhor – melhor

Prometer - prometer

Riba ou arriba – acima

Saluçü – solução

Samear – semear

Varar – cruzar o rio

Destacam-se as denominações da cultura gaúcha, introduzidas pelos açorianos: *dona* – senhora e, *peão* – empregado.

Na literatura oral

Passadas de geração a geração, várias manifestações orais expressam tradições que na atualidade são preservadas no Rio Grande do Sul, e têm sido valorizadas na herança cultural recebida, como de contribuição açoriana. Assim, adágios (provérbios ou ditados populares), adivinhas, parlendas, lendas e poesias populares são ainda ditas, escutadas, não só nas áreas rurais, mas também em espaços urbanos.

Quem já não ouviu no seu cotidiano: *Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*, ou suas variantes! Ou outras: *Rei morto, rei posto. A união faz a força. Não troques o certo pelo duvidoso. De pequenino se torce o pepino. Cada louco com sua mania*. E tantos outros!

E as adivinhas? *Casa caiada, bonita amarela, telhado de vidro, ninguém mora nela. O que é? o ovo*.

Cantigas de roda, os ditos de benzeduras para os vários males, e os falórios nos diversos ritos religiosos, seja de batizado ou nos velórios perpetuam-se na memória coletiva de muitas comunidades de povoamento açoriano no Rio Grande do Sul; sem esquecer, é claro, da coberta d'alma.

A poesia popular, então, é riquíssima. Como exemplo: *Atirei um limão verde, encima da sacristia, deu no cravo, deu na rosa, deu na moça que eu queria*.

Às benzeduras muitos se valem, não só para *cobreiro, pé torcido* e outras tantas situações de reveses da saúde, cujos resultados positivos visíveis favorecem a permanência deste elemento cultural, herdado da presença açoriana em nosso meio.

Inegavelmente, a riqueza literária e das tradições e costumes populares é sobrevivência insular, ainda viva entre as gerações do presente, no Rio Grande do Sul.

Nos brinquedos e brincadeiras infantis

Ainda revivida nos povoados menores e cidades mais tradicionais, em que a segurança ainda possibilita as crianças brincarem na rua, nos pátios e jardins ouve-se a correria infantil em torno do *gato e rato* ou da *cabra cega*. Ainda se vê, ainda que poucos, com pernas de pau a chamarem os que caminham ao seu redor, atraindo-os para si, por motivos variados.

Pandorgas - papagaios ou pipas destacam-se no céu por suas cores e arte, criatividade ainda aguçada, especialmente nos tempos ventosos de inverno.

Escolas aqui, no seu projeto pedagógico procuram incentivar a permanência destas ricas manifestações culturais, proporcionando às crianças conhecerem brinquedos e brincadeiras praticadas pelos antepassados açorianos, que aqui repassaram suas tradicionais e sadias brincadeiras, apreendidas nas suas isoladas ilhas.

Na religiosidade

Católicos na sua formação, os açorianos transplantaram, vivamente, seu fervor religioso manifesto através de variadas formas e elementos materiais e imateriais.

Logo que *arranchados* ou assentados no distante século XVIII, no espaço sulino, além Tordesilhas, trataram logo de edificar um Império ao Divino ou uma capela ao seu santo devoto ou, ainda à Nossa Senhora. Assim foi: *São Luiz*, em Mostardas; *N. Senhor dos Passos*, em Rio Pardo; o *Império do Divino*, em Triunfo (o único ainda existente no Rio Grande do Sul, mas que precisa ser restaurado, e com urgência); *São José*, em Taquari e em São José do Norte; *N. Sra. da Conceição*, em Piratini e em Conceição do Arroio; *Santo Antônio* da Patrulha (minha terra natal !), são alguns exemplos.

Mas não só na denominação dos lugares, a religiosidade está presente. Nas festas também.

A Festa do Divino Espírito Santo foi assimilada até por comunidades italianas, existentes no Estado, como é o exemplo mais singular da localidade de Criúva. Um rico e vivo ritual é acompanhado por todos com muita devoção. Para os criuenses – tudo é pedido e atribuído ao Divino!

Os reisados cantados por grupo de homens e também por grupo de mulheres são ouvidos no mês de janeiro, em muitas casas. Há cantadores tradicionais, que passam de pai para filho esta tradição, ainda mantida, como é o caso de grupos de Santo Antônio da Patrulha e também de Osório, ambas no Litoral Norte do Estado.

Para a festa de *Corpus Christi*, sempre feriado aqui, nas comunidades de luso-descendentes, especialmente, a arte orna o casario com suas janelas devotas ou fazendo das ruas um verdadeiro tapete, como os açorianos nas ilhas, até hoje desenharam, em muitas das suas freguesias.

Nas irmandades, o Senhor dos Passos e São Miguel e Almas são evocados, dentre outros.

Estas e outras manifestações religiosas reafirmam o vivo sentimento da fé católica herdada dos antepassados ilhéus.

Nas danças gauchescas

De viva influência açoriana são algumas das tradicionais danças folclóricas do Rio Grande do Sul, conhecidas como danças gaúchas. Em especial destacam-se: o pezinho e a chimarrita. Estas duas são muito conhecidas e dançadas, na maioria das apresentações dos Centros de Tradições Gaúchas, o chamado CTG. Também citam-se: a tirana do lenço, o quero-mana, o anu e o balaio. Se dentre as ilhas do arquipélago, elas apresentam variações, no Rio Grande do Sul, elas se mantêm, com certa uniformidade, pregada a pretexto de não desvirtuar sua identidade de raiz.

Na música

Especialmente as músicas religiosas são esteios do vínculo de nossa matriz açoriana. As cantorias das Folias do Divino e as dos Reisados são vivos exemplos.

As cantigas de roda evocam com saudades a infância de muitos ao recordar dos versos de: *Atirei o pau no gato*, *A moda da carochinha*, *A canoa virou*, *Ciranda*, *cirandinha* e outras tantas.

Para o trabalho, os cantos de *Pichurum* ou *Peitada*, chamados também de *Olarai* ou *Oilarai* são recordados por descendentes de lusos, no interior de alguns municípios do Rio Grande do Sul.

Na morte, as *Excelências* homenageiam os falecidos, cantados pelos rezadores nas áreas rurais.

A musicalidade das ilhas é sobrevivência cultural insular nas comunidades de origem, em nosso meio.

Na arquitetura

Qual a fronteira entre a arquitetura lusa continental e a lusa insular?

Este tema tem perseguido estudiosos da História da Arquitetura e do Urbanismo no Rio Grande do Sul, do que resultaram alguns trabalhos já publicados, os quais indicam ainda muitas interrogações.

Os exemplares arquitetônicos ainda preservados nas comunidades de povoamento açoriano mostram-se através de casinhas mais baixas que as outras, com porta e janela, e telhado com seus beirais, alguns sem eira, nem beira, e outros

esquinados revelando o *bico de pomba*, no encontro das telhas portuguesas, aqui conhecidas, também, como a telha- canoa.

Vale visitar Santo Amaro e Triunfo, dentre outras cidades conhecidas como de origem açoriana, ou que receberam influência açorita, por terem acolhido ilhéus, depois da sua constituição inicial, como é o caso de Santo Antônio da Patrulha.

Em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, está preservada uma obra de engenharia do empreiteiro de obras, João Baptista Soares da Silveira e Souza, açoriano da Ilha de São Jorge, lá nascido em 1841. Trata-se da conhecida *Ponte de Pedra* sobre o Riacho, próxima ao monumento em homenagem aos açorianos, na Av. Perimetral, em direção ao Gasômetro, área peninsular da cidade. João Baptista também está ligado ao antigo *Theatro São Pedro*, espaço nobre para espetáculos e manifestações da cultura local ou de visitantes. Importante trabalho sobre sua atuação foi escrito por Miguel Duarte, cujo texto está presente na obra *Açorianos no Brasil*, editado pela EST, em 2002.

Na culinária

A doçaria gaúcha é rica e apreciadíssima. Mas qual o peso açoriano na sua constituição?

O arroz doce de nossas vovós testemunha a contribuição açoriana em nosso meio. Não só. E os ovos moles, os suspiros, os rosquetes, os sonhos e os doces com frutas, além dos pães variados, sovados e batidos, em formatos diversos?

Não se pode esquecer os cozidos, os fervidos e os enchidos. Da famosa matança do porco, as linguiças e morcelas, branca e vermelha (de sangue) são conservadas para o alimento familiar.

Em 1992 estive em nosso meio o destacado terceirense, Augusto Gomes da Silva, que participando de um ciclo de palestras acerca das marcas açorianas na nossa formação, também apresentou a identidade da culinária das ilhas, suas peculiaridades e distinções. Na ocasião também conheceu de perto, a nossa gastronomia, da qual se impressionou. Mas impressionados também ficaram seus alunos, ao constatarem ser dos Açores, salgados e doces que consideravam genuínos do Rio Grande do Sul.

Certo é que o cenário da mesa posta em muitas das famílias de origem portuguesa, reafirma os seus laços e vínculo com a cultura das distantes ilhas atlânticas, terra do ilustre visitante de então, que muito estudou a gastronomia açoriana, revelando suas pesquisas em importantes obras publicadas até falecer em novembro de 2003.. Elas permitem cotejar as cozinhas de ambos os lados do mar e assim, poder estabelecer o liame das sobrevivências culturais que os antepassados ilhéus legaram.

No artesanato

Especialmente, a tecelagem feita com lã ou com fibras vegetais, trançadas ou tramadas é presença viva da cultura popular de muitas das comunidades de marca açoriana. Destaque-se os famosos e tradicionais cobertores de Mostardas, artesanato mantido e preservado, de geração a geração, na antiga comunidade açoriana, situada no litoral gaúcho.

Igualmente, contando com o cipó e a taquara, ou mais recentemente com as folhas de bananeiras, muitas famílias tiram o seu sustento, ainda hoje, do artesanato. Cestos e utensílios diversos são vendidos, à beira das estradas, especialmente no litoral norte do Estado em direção à Santa Catarina.

Vale lembrar, igualmente as flores de papel, variadas e de muitas cores, confeccionadas para adornar as festas, como para louvar os mortos, em belas coroas depositadas nos cemitérios. Esta prática, em extinção pelo avanço industrial das flores plásticas, tem feito com que as antigas artesãs das coroas, não ensinem às filhas esta arte que adornou de forma criativa os espaços de culto aos antepassados.

Considerações Finais

Inquestionavelmente, não se pode ocultar o visível, o palpável, o evidente.

Trata-se, pois de *des-cobrir* o que está oculto, escancarar o *entre-aberto* para ser visto e a partir daí exclamado o que foi descoberto e visto, a muitas vozes, para também ser ouvido por todos.

Ao ensejo das comemorações dos 250 anos do Povoamento Açoriano do Rio Grande do Sul, é o momento ímpar e pontual para aclamar nossas sobrevivências

culturais de raízes açorianas e divulgá-las no cenário nacional e além fronteiras, visto o desconhecimento do seu peso e extensão na cultura gaúcha. Para além de identificadas e reconhecidas, estas raízes devem ser preservadas. Mantidas, com afeto e gratidão aos que nos legaram elementos de sua idiossincrasia, tem-se o dever de transmitir às atuais e futuras gerações, suas manifestações culturais deitadas na nossa identidade gaúcha multifacetada. Como preito de reconhecimento ao seu trabalho, luta e privações a eles impostos, para nesta terra edificar suas vidas, fica o compromisso de através de ações concretas, muito mais aqui fazermos para não permitir que o esquecimento seja morador neste chão que há dois séculos e meio muitos açorianos chegaram, para não mais voltarem.

REFERÊNCIAS

- AGRIFOGLIO, Rose Marie Reis. *Contribuições luso-açorianas no Rio Grande do Sul (I)*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2002. 135p.
- AZEREDO, Flávio Antônio de. *Herança açoriana nas danças tradicionais do Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. 222p.
- BARROSO, Véra Lucia Maciel. (org.) *Presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1992. 216p.
- _____. (org.) *Açorianos no Brasil*. História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre, 2002. 1.152p.
- _____. Os açorianos no Rio Grande do Sul. In: RS no contexto do Brasil. Porto Alegre: CIPEL, 2000. 238p.
- BORGES FORTES, João. *Casais*. Rio de Janeiro: Ed. Centenário Farroupilha, 1932. 268p.
- CÉSAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul*. Período Colonial. Porto Alegre: Globo, 1977. 328p.
- LAYTANO, Dante de. *Legado luso-açoriano na formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1974. 18 0p.
- WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1979. 196p.

Resumo

A partir do reconhecimento da formação social gaúcha, sobretudo a contar do século XVIII, quando se dá a arrancada do povoamento do Rio Grande do Sul pelos portugueses, o texto perscruta alguns traços de base açoriana na cultura regional, notadamente na língua, nos brinquedos e brincadeiras infantis, na religiosidade e danças gauchescas, na música e arquitetura, como na culinária e artesanato.

O desconhecimento destas raízes sonegou o peso insular nas relações sociedade e cultura gaúcha, sendo dada aos portugueses continentais, a supremacia da sua influência e contribuição na estruturação da sociedade sul-rio-grandense, aliada aos que chegaram no século XIX, como os alemães e os italianos.

Palavras-chaves: cultura – sociedade – açorianos – Rio Grande do Sul

Abstract

From the recognition of the social formation *gaúcha*, over all to count of century XVIII, when the pulled out one of the settling of the *Rio Grande do Sul* for the Portuguese, the text is given it identifies some traces of azoriana base in the regional culture, especially in the language, the infantile toys and tricks, the *gauchescas* religion and dances, music and architecture, as in the food and manual arts. The unfamiliarity of these raízes evaded taxes the weight to insular in the relations society and culture *gaúcho*, being given to the continental Portuguese, the supremacy of its influence and contribution in the formation of the society *Sul Riograndense*, allied at that they had arrived in century XIX, as the Germans and Italians.

Key-words: culture – society – azorianos – Rio Grande do Sul